

ROTEIROS CULTURAIS DOS  
AÇORES

*Personalidades*



VITORINO  
NEMÉSIO



Vitorino Nemésio Mendes Pinheiro da Silva, que no universo da cultura portuguesa ficaria conhecido pelo seu nome próprio — VITORINO NEMÉSIO —, nasceu na Praia da Vitória, Ilha Terceira, a 19 de Dezembro de 1901. Filho de uma família que, como repetidamente o afirmou, remontaria aos primórdios do povoamento da Ilha, Nemésio foi uma personalidade marcante da cultura portuguesa do século XX, desenvolvendo a sua actividade como jornalista, professor, escritor, ensaísta e, de um modo particular, comunicador: ele foi o primeiro intelectual português a utilizar os grandes meios de comunicação social, como a rádio e a televisão, para atingir um público que ultrapassava os leitores de jornais e de livros.

Tendo feito os estudos primários na Praia da Vitória — numa escola que existiu ao fundo da Rua da Alfândega, junto ao areal da praia, onde hoje se encontra a rotunda que abre para a Avenida Álvaro Martins Homem —, e os secundários em Angra do Heroísmo e na Horta, ilha do Faial, aos dezoito anos Nemésio assentou praça no Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo, sendo de seguida transferido para Tancos e, depois, para Lisboa. Terminado o serviço militar, em 1921 iniciou a sua carreira como jornalista profissional no jornal *A Pátria*, matriculando-se pouco depois na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra e, mais tarde, no curso de História e Geografia da Faculdade de Letras da mesma Universidade, exercendo ao mesmo tempo as funções de revisor da Imprensa da Universidade. Em 1924 abandonou os cursos que seguia e matriculou-se em Filologia Românica; mas, em 1930, desaguisado com a Universidade de Coimbra, transferiu-se para a Faculdade de Letras de Lisboa onde, no ano seguinte, concluída a Licenciatura, foi contratado para leccionar Literatura Italiana como professor auxiliar. Doutorou em Letras pela Universidade de Lisboa com a tese *A Mocidade de Herculano até à volta do Exílio*, foi *chargé de cours* na Universidade de Montpellier, passando, anos depois, para a Universidade de Bruxelas onde foi *maître de conférences* e *professeur agrégé*. Em 1939, por concurso, chegou a professor catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa. Leccionou em diversas universidades brasileiras (Bahia, Ceará, Rio de Janeiro), e participou na reforma dos planos de estudos das faculdades de letras. Eleito sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa (1963), foi feito *doutor honoris causa* pela Universidade de Montpellier (1965) recebendo, no mesmo ano, o *Prémio Nacional de Literatura* pelo conjunto da sua obra. Em 1969, Nemésio iniciou uma colaboração regular com a RTP, com uma série de programas intitulada “Se bem me lembro”, que o tornou uma figura extremamente popular: ainda hoje, muitos portugueses conhecem Nemésio não pela sua obra literária e ensaística mas pela recordação destes programas. A 12 de Dezembro de 1971, o professor Vitorino Nemésio proferiu a sua última lição na Faculdade de Letras de Lisboa, e em 1974 recebeu o Prémio Montaigne, da Fundação Freiherr von Stein / Friedrich von Schiller, de Hamburgo. Entretanto, entre 28 de Março de 1973 e 14 de Maio de 1977, compôs uma série de poemas de carácter erótico dedicados ao seu serôdio e derradeiro amor, Margarida Victória, Marquesa de Jácome Correia, que viriam a ser publicados postumamente sob o título *Caderno de Caligraphia e Outros Poemas para Marga*.

Morreu em Lisboa, a 20 de Fevereiro de 1978.

A obra literária de Nemésio distribui-se pela poesia, pela ficção, pelo ensaio e pela crónica, géneros em que se notabilizou: o romance *Mau Tempo no Canal* é geralmente considerado como um dos grandes romances da literatura portuguesa, ao lado de *Os Maias*, de Eça de Queiroz, e um dos seus derradeiros livros de poesia, *Limite de Idade*, é pioneiro na assunção de que “a ciência é fonte e símile da criação poética pelo simples facto de que todo o acto científico, toda a nova descoberta no campo do saber exacto será, fatalmente, um acto de beleza” (Maria Lúcia

Lepecki); estávamos então nos primórdios da Bioquímica, que Nemésio — tal como já vinha fazendo por meio dos programas televisivos — transformou em matéria poética.

Tendo-se estreado como autor, aos quinze anos, com o volume de poesia *Canto Matinal*, Nemésio foi autor de alguns dos livros mais marcantes da literatura portuguesa do século XX, de que se poderá salientar *O Bicho Harmonioso*, *Eu*, *Comovido a Oeste*, *Mau Tempo no Canal*, *Festa Redonda* (livro com inspiração e modelo na literatura popular tradicional da Ilha Terceira), *O Verbo e a Morte*, *Limite de Idade*, *Era do Átomo Crise do Homem*, ou *Caderno de Caligrafia*. Homem do seu tempo, sem fronteiras geográficas ou de género literário, Vitorino Nemésio participou activamente na vida pública nacional — sendo uma figura de enorme prestígio intelectual e cívico, Salazar convidou-o para integrar a Câmara Corporativa, convite que ele corajosamente recusou; e no fim da vida, influenciado por Natália Correia, chegou a alimentar a fantasia da independência dos Açores, de que seria o primeiro Presidente —, e confraternizou com figuras importantes da cultura europeia, como Miguel de Unamuno, Ortega y Gasset ou Valéry Larbaud.

Figura de projecção nacional e internacional, com algumas das suas obras publicadas em outras línguas, Vitorino Nemésio sempre assumiu, como homem e como artista, as suas origens açorianas — em especial da Ilha Terceira —, sendo da sua mão a definição do conceito de açorianidade (1932):

“Um dia, se me puder fechar nas minhas quatro paredes da Terceira, sem obrigações para com o mundo e com a vida civil já cumprida, tentarei um ensaio sobre a minha açorianidade subjacente que o desterro afina e exacerba. Antes desse dia de libertação íntima mal poderei fazer-me entender dos outros. Um aceno de ternura, um vago protesto de solidariedade insular a distância é o muito que estas linhas podem significar”

— conceito que viria, anos mais tarde, a completar e confirmar no livro de crónicas que serve de guião a este roteiro, *Corsário das Ilhas*:

“Sou ilhéu; e, tanto ou mais do que a ilha, o ilhéu define-se por um rodeio de mar por todos os lados. Vivemos de peixe, da hora da maré e a ver navios...”

A elaboração dos textos que constituem este guia é devedora de duas obras principais:  
VITORINO NEMÉSIO, *Corsário das Ilhas*. Lisboa: Bertrand, 1956  
VITORINO NEMÉSIO, *Diário* (inédito).



## NAVEGAÇÃO DE UM CORSAIRO pelas ruas de ANGRA DO HEROÍSMO

“Sigo maquinalmente o traçado urbano todo: primeiro um bairro, depois outro, e outro. Duas ou três manhãs chegam para este reconhecimento piedoso. [...] Vagueio por toda a cidade, de lés a lés.”



**Início do percurso:**  
**Largo dos Remédios**

**1 Solar dos Remédios** [Casa do Provedor das Armadas da Índia]  
“Hospedam-me familiarmente junto às casas que foram dos provedores das armadas da Índia a refresco nas ilhas atlânticas, num alto quase estratégico, que tanto domina o interior da cidade e o seu sainte para os montes como a pequena e profunda baía à sombra do Monte Brasil esteado pelo castelo filipino. Assim, sem sair do quintal me debruço sobre o casario todo, e recolho, à esquerda, a silhueta das muralhas e da igreja que lembra a restauração do domínio português na fortaleza: à direita, o perfil da serra do Morião, atalaia do mundo dos algares escondidos e do gado bravo e leiteiro”.

**Contorna-se o Solar dos Remédios pela fachada virada a Norte e segue-se a**



**2 Rua dos Italianos**  
“Meia dúzia de passos andados – e estou no Corpo Santo, o pequeno e velho bairro dos pescadores de Angra. Estas duas ruas que o cortam, e entre as quais hesito um pouco, aludem ainda, pelos nomes, à condição portuária da cidade: Rua dos Italianos; Rua do Armador. [...] Mas o tom do bairrozinho é fundamentalmente popular”.

**Depois de descer as escadinhas ao fim da rua, voltar à esquerda, em direcção ao**



**3 Alto da Rocha de Canta-Galo**  
“Vou ter ao alto da Rocha de Canta-Galo, barreira a pino que delimita Angra a sudeste, e onde se aninham os últimos casebres de pescadores do varadouro citadino: os pescadores do Corpo Santo, do Porto de Pipas”.

**Retomar a**



**4 Rua do Faleiro**  
“Desço do bairro piscatório à velha ribeira de Angra por uma ruela torta e escusa, chamada do Faleiro, célebre potentado local que feitorava por aqui os negócios do donatário consorte, marquês de Castelo Rodrigo”.



E descer até à **Rua do Santo Espírito**



**5 Igreja da Misericórdia**  
 “E os meus passos já quase estranhos, com o íngreme da ruela, vão ter a Santo Espírito como a água que é dócil à levada. Santo Espírito é a primitiva invocação das Misericórdias das ilhas. A de Angra tem aqui, mesmo em face do porto, a sua igreja imponente, flanqueada de um granel, com duas torres maciças de um austero barroco arcaizado, em que se sente talvez a inspiração seiscentista dos arquitectos da Restauração”.

Voltar à esquerda, em direcção ao



**6 Pátio da Alfândega**  
 “A ribeira de Angra, que nasce à raiz de Canta-Galo, junto a um castelo do nome de S. Sebastião, quase que morre no seu Pátio da Alfândega flanqueado pela Misericórdia, cujos alicerces profundos o encaixam da Ribeira dos Moinhos vem lambê-lo”.

seguir até ao



**7 Largo Miguel Corte-Real**  
 [Vista para o Castelo de S. João Baptista]  
 “Será difícil encontrar, depois do Escorial, monumento filipino mais expressivo que este castelo tentacular do istmo do Monte Brasil, parecendo dominar apenas a cidade de Angra, mas realmente erigindo-se, numa pobre ilha de pastores e lavradores do meio do mar Atlântico, contra todo o nascente poder do Império Britânico, que ameaçava em cheio as velas dos galeões e os terços flamengos do Império do Ocaso, do Império de Carlos V”.

Subir a **Rua de S. João** e virar à esquerda na



**8 Rua da Rocha**  
 “Enquanto penso nisto, desembocando da Rua das Frigideiras à Rocha...”.

até à **Rua do Salinas**, seguindo até à esquina com a **Rua da Sé**, junto aos



**9 Degraus da Sé**  
 “Sentamo-nos junto dos degraus da Sé, eu e velhos amigos. E, como no grupo há um meteorologista, penso que somos aparelhos graduados para marcar o espessar dos negrumes da noite. Todos nós, porém, estamos ali desenfadados. Esta é a tertúlia do sossego, do desinteresse, do tempo perdido...”.

Subir a **Rua da Sé** até ao **Chafariz do**



**10 Alto das Covas**  
 “O Alto das Covas descobre toda a extensão residencial dos arrabaldes de Angra, e, para lá das duas ou três araucárias gigantescas que torream a saída da cidade, a negaça de uma ilha ao longe, que espreita por detrás de outra ilha: é o cone do Pico, barrado pela faixa gris e lilás de S. Jorge. Umas vezes vê-se muito bem aquele chapéu de neves e de nuvens e o seu formidável tempo; outras vezes é tudo duvidoso, fosco e falso. A ilha é a nuvem ou a nuvem a ilha?”.

Observar o



**11 Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo, no local da antiga Praça de Toiros de S. João**  
 “A praça de toiros, na raiz da Canada Nova, é o coliseu da terra”.

Voltar à **Rua da Sé**, virar à esquerda na **Rua Duque de Bragança**, ver o



**12 Mercado Duque de Bragança**  
 “Não quero mais paisagem. Vou ao Mercado ver os melões do Trovão e os torresmos do Facilita”.

e seguir pela **Rua da Esperança**, passando pelo



**13 Largo do Prior do Crato**

em direcção ao

**14 Jardim Duque da Terceira**  
 “Entro no Jardim (e recaí...). Mas é a navegação da paisagem o que eu aqui procuro! Reconheço os lugares, as relações das pedras – mais nada!”.

Subir as escadas, passando pelo



**15 Tanque do Preto**  
 “Vamos lá ver o preto. O preto é de pedra e vomita água por um canudo: foi a primeira escultura profana que em minha vida vi! Subo mais, e oiço a velha levada dos moinhos: oiço cantar a água pura, valente, que desce as entranhas da ilha”.

até à



**16 Memória**  
 “Vim até à Memória (o antigo Castelo dos Moinhos), que é o ponto mais alto da cidade. [...] Daqui abranjo e tenho tudo o que um dia foi meu ou que talhei para isso no «pano para mangas» do sonho. À vontade... Dos ilhéus das Cabras poderia ser o donatário; dos Fradinhos o foreiro, mas que é do Facho do Monte Brasil? Quem já faz sinais aos navios entrados? Quem iça o cesto?... A oeste ficam-me as torres de São Mateus e a igrejinha velha, desbancada, que as vagas de Inverno ameaçavam cobrir e despejar. E atrás de mim São João de Deus, a Pateira, o Reguinho – as avançadas do mundo do pasto e da galhada”.

Sair pelo **Largo do Castelo de S. Luís**, e descer a

**17 Rua do Pisão**  
 “Quero perder-me neste Pisão, nesta Pereira, neste Desterro – nestas casinhas dos bairros populares e forâneos desta cidade histórica, que combina tão bem o seu orgulho torreado com o dom burguês da alegria”.

Seguindo o percurso da antiga



**18 Ribeira dos Moinhos** [Rua do Pisão | Rua Frei Diogo das Chagas]  
 “Mas o velho caudal, chamado ribeira dos Moinhos, que viu nascer a cidade das mãos de Álvaro Martins Homem no terceiro quartel do século XV e que alimentou as azenhas dos Corte Reais, donatários de Angra e pioneiros da Terra Nova, está condenado a secar-se. A era atômica não quer nada com nós nem maquiãs. A água que deu pão aos avós da cidade vai agora dar luz fluorescente aos netos”.

até ao



**19 Museu de Angra do Heroísmo**

onde termina o percurso.

## PRAIA DA VITÓRIA



### NAVEGAÇÃO DE UM CORSAIRO pelas ruas de PRAIA

*“A Praia, para mim, é a torre da Câmara e o seu relógio inerte e sedativo. Mais altas que ela ficavam as torres da Matriz, plantadas na colina da vila. Os seus altos perfis tinham um sentido urbano muito mais vasto e agudo.”*

Início do percurso:  
**Rua de São Paulo**



- 1 Casa onde nasceu Vitorino Nemésio** [Rua da Cadeia, actual Rua de São Paulo]  
"Nasci na Rua da Cadeia..."

Descer a **Rua da Misericórdia**, virar à esquerda na **Rua Conde Sieuve de Menezes**



- 2 Casa onde foi criado** [Quarta Rua do Paúl, actual Rua Conde Sieuve de Menezes]



- 2a Casa onde foi criado** [O jovem Nemésio dormia no quarto alto da casa, que dá para a R. Cons. José Correia de Mesquita]  
"...mas meus pais mudaram-se cedo para outra casa de meu tio-avô Mateus de Menezes, herdada de sua mãe, minha bisavó D. Rosa."

Regressar à **Rua da Misericórdia**, e descer até ao largo onde fica a



- 3 Casa das Tias** [Rua da Misericórdia]  
"Também fui senhorito na casa apalaçada das tias dominando as casinhas dos pescadores da rua de Baixo, da Praia, na Ilha".

Subir a **Rua da Misericórdia**, virar à esquerda na **Rua do Hospital**, onde se pode ver o portal e o claustro do antigo



- 4 Hospital da Misericórdia**

Regressar novamente à **Rua da Misericórdia**, virar à esquerda, subir e voltar novamente à esquerda na **Rua de São Paulo**, até ao



- 5 Largo Francisco Ornelas da Câmara onde se encontra o edifício da Câmara Municipal**

"Ainda há quarenta anos a Praça era a Câmara que lá está, o Corpo da Guarda que se alteou, a casa de morgada vendida e carapuçada de cimento, a velha cadeia de Jerónimo Luís, o Mau, e do Padre António Vieira. Se ele visse veria que só os sismos respeitam os cárceres. Foram-se as belas escadarias que faziam da Praça um monumento, as arcadas de abrigo para a chuva, o grande chafariz de tornos grossos. Escapou a torre do sino".

Seguir pela **Rua de Jesus**, virando na primeira rua à direita, que era o



- 6 Local onde se armava o Império dos Nobres**

[actual Rua da Matriz]  
"Na Praça, e depois na Rua do Rego, a meio da Rua de Jesus – coração burguês da Praia –, armava o Império dos Nobres, fundado talvez em tempos do capitão Francisco de Ornelas, o nosso Restaurador, que, desgraçado com o ministro Francisco de Lucena, fora miraculado em juízo pela pombinha do Paráclito".

Subir as escadinhas até à



- 7 Igreja Matriz**  
"Muito importante, a par da escola, o ambiente da sacristia da Matriz, entre meninos de coro, padres, zeladoras e sacristãos. Mas a torre dos sinos metia-me medo..."

que guarda memória das sucessivas destruições e reconstruções da Vila da Praia



- 8 Fachada da Matriz**  
"Era esta a Praia antiga, três vezes vinda a terra, quase como Ninive e cidades bem mais culposas, nas faldas de um Vestúvio que não tínhamos".

Descer a **Ladeira de São Francisco**, virar à direita na **Rua de Jesus** e depois à esquerda na **Rua Dr. Sousa Júnior**, onde existe o



- 9 Império do Rossio**  
"«Os da terra» arrumavam-se no Império da Rua do Rego, no do Rossio das freiras da Luz, estamento dos mesteirais..."

ou então, virando à direita na **Rua Gervásio Lima**, seguindo até ao



- 10 Império da Caridade** [Figueiras do Paim]  
"...e no bodo da Caridade, às Figueiras do Paim ou Portão do Barreto, domínio dos lavradores e carreiros do sainte da sede do concelho".

Em alternativa, descer a **Ladeira de São Francisco**, prosseguir pela **Rua Dr. Alexandre Ramos**, indo desembocar na **Rua dos Remédios** e, virando à esquerda, na **Rua Serpa Pinto**, onde existia a sede da



- 11 Filarmónica União Praiseira** [Rua Serpa Pinto]

Filarmónica União Praiseira  
De casados, solteirinhos...  
Realejo de Chinchelárias,  
Ramada de passarinhos!

Filarmónica fundada  
Pelo Sr. João das Neves:  
Se dás nome à nossa Praia,  
O que vales, a ele o deves!

Seguir depois até ao



- 12 Poço da Areia** [Largo da Batalha]

"A Praia da Vitória era isto e muito mais. Duas vezes somos meninos: já vou na segunda volta e, agora, o Poço da Areia, a porta por onde a deixava, é a minha imaginação"

e ter assim por terminado este percurso pelas memórias da Praia da Vitória. E por algumas das lembranças de Nemésio nela.

- 1901** **19 de Dezembro:** Vitorino Nemésio nasce na Praia da Vitória, na casa de família à Rua da Cadeia (actual Rua de São Paulo). Ainda criança, os pais mudam-se para outra casa de família, na Quarta Rua do Paúl (actual Rua Conde Sieuve de Menezes), onde o jovem Nemésio ocupa o “quarto alto”.
- 
- 1912** Estudos primários na Praia da Vitória. Publica *Canto Matinal* (poesia, Angra do Heroísmo, 1916). Curso geral dos liceus em Angra do Heroísmo e, mais tarde, na Horta (ilha do Faial). Serviço militar, como soldado, em Angra do Heroísmo.
- 1919**
- 
- 1920** É transferido para Tancos, com o posto de primeiro-cabo. Publica *A Fala das Quatro Flores* (poesia, Angra do Heroísmo), e a peça de teatro *Amor de nunca mais* (Angra do Heroísmo).
- 
- 1921** Inicia a actividade jornalística como repórter do jornal *A Pátria* (Lisboa).
- 
- 1922** Publica *Nave Etérea* (poesia). Conclui o 7.º ano de Letras, e matricula-se na Faculdade de Direito de Coimbra.
- 
- 1923** Revisor na Imprensa da Universidade de Coimbra. Matricula-se em História e Geografia na Faculdade de Letras de Coimbra. Colabora nas revistas *Bysancio* e *Conímbriga*. Viagem a Espanha (Salamanca, Valladolid, Madrid), integrado no Orfeão Académico, e conhece Miguel de Unamuno e Ortega y Gasset.
- 
- 1924** Publica *Paço do Milhafre* (contos, com prefácio de Afonso Lopes Vieira). Abandona o curso de Direito e matricula-se em Filologia Românica na Faculdade de Letras de Coimbra. Funda, com Afonso Duarte, Branquinho da Fonseca e João Gaspar Simões, a revista *Tríptico*.
- 
- 1925** Participa em actividades políticas promovidas pelo grupo da *Seara Nova*, em cuja revista colabora.
- 
- 1926** Publica *Varanda de Pilatos* (romance). Visita Raul Brandão, de quem é grande admirador.
- 
- 1929** Inicia correspondência com Miguel de Unamuno.
- 
- 1930** Transfere-se para a Faculdade de Letras de Lisboa, mantendo residência em Coimbra. Colabora na revista *Presença*.
- 
- 1931** Licenciado em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa, sendo de imediato contratado como professor auxiliar para leccionar Literatura Italiana. Mantém residência em Coimbra, onde vivem a mulher e os filhos.
- 
- 1932** Publica *Sob os Signos de Agora* e “Açorianidade” (ensaio).
- 1933**
- 
- 1934** Doutorado em Letras pela Universidade de Lisboa, com a tese *A Mocidade de Herculano até à volta do Exílio*.
- 
- 1935** Leitor na Universidade de Montpellier (*chargé de cours*). Publica *La Voyelle Promise* (poesia, escrito directamente em francês), *Relações Francesas do Romantismo Português* (ensaio), *Isabel de Aragão*, *Rainha Santa* (biografia), *A Casa Fechada* (novelas), *O Bicho Harmonioso* (poesia) e *Études Portugaises* (ensaio, em francês). Lança e dirige a *Revista de Portugal* (publicada até 1940).
- 1938**
- 
- 1939** Lecciona na Universidade de Bruxelas (*maître de conférences e professeur agrégé*).
- 
- 1940** Professor catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa. Publica *Eu, Comovido a Oeste* (poesia), *Gil Vicente*, *Floresta de Enganos* (ensaio), *Mau Tempo no Canal* (romance), *Ondas Médias* (crónicas radiofónicas sobre autores e obras da literatura portuguesa), *O Mistério do Paço do Milhafre* (contos), *Festa Redonda, décimas e cantigas de terreiro oferecidas ao povo da ilha Terceira* (poesia), *Nem Toda a Noite a Vida* (poesia), *O Segredo de Ouro Preto* e *Outros Caminhos* (crónicas de viagem), *O Campo de S. Paulo*, *A Companhia de Jesus* e *o Plano Português do Brasil (1528-1563)* (estudo histórico), *O Pão e a Culpa* (poesia), *Corsário das Ilhas* (crónicas).
- 1956** Director da Faculdade de Letras de Lisboa.
- 
- 1958** Lecciona em várias universidades brasileiras (Bahia, Ceará, Rio de Janeiro). Publica *Conhecimento de Poesia* (ensaio), e *Retrato do Semeador* (crónicas), *O Verbo e a Morte* (poesia), *Vida e Obra do Infante D. Henrique* (biografia), *Poesia (1935-1940)* onde reúne os seus três livros de poesia que considera mais importantes, tendo como prefácio o ensaio “Da Poesia”, *Almirantado e Portos de Quatrocentos* (ensaio histórico), *O Cavalinho Encantado* (poesia), *Andamento Holandês* e *Poemas Graves* (poesia), e *Ode ao Rio ABC do Rio de Janeiro* (poesia).
- 1965**

- 1965** Doutor *honoris causa* pela Universidade de Montpellier. Galardoado com o *Prémio Nacional de Literatura* pelo conjunto da sua obra.
- 
- 1966** Publica *Canto de Véspera*, comemorando assim o cinquentenário do seu primeiro livro *Canto Matinal, Viagens ao Pé da Porta* (crónicas), *Violão de Morro* (poesia) e *Caatinga e Terra Caída. Viagens no Nordeste e no Amazonas* (crónicas de viagem).
- 
- 1969** Inicia o programa “Se bem me lembro,” na RTP.
- 
- 1971** **12 de Dezembro:** “Última Lição” na Faculdade de Letras de Lisboa.
- 
- 1972** Publica *Poemas Brasileiros e Limite de Idade* (poesia).
- 
- 1973** **28 de Março:** primeiro poema datado dedicado Margarida Victória, Marquesa de Jácome Correia (“Não cantarei a virgem que o cavalo | Com um xairol de sangue arrebatou”).
- 
- 1974** Recebe o *Prémio Montaigne*, da Fundação Freiherr von Stein/Friedrich von Schiller, de Hamburgo. Publica *Jornal do Observador* (crónicas).
- 
- 1975** Director do jornal *O Dia* (Lisboa).
- 
- 1976** Publica *Sapateia Açoriana, Andamento Holandês e Outros Poemas* (poesia), e *Era do Átomo Crise do Homem* (crónicas radiofónicas).
- 
- 1978** **20 de Fevereiro:** morre em Lisboa, no Hospital da CUF, sendo sepultado no Cemitério de Santo António dos Olivais, em Coimbra. A primeira homenagem póstuma é-lhe prestada pelo *Diário Insular*, de Angra do Heroísmo.
- 
- 1985** Edição póstuma, por David Mourão-Ferreira, de *Quase que os Vi Viver* (edição conjunta de ensaios biográficos anteriormente publicados).
- 
- 2003** Edição póstuma, por Luiz Fagundes Duarte, de *Caderno de Caligraphia e Outros Poemas a Marga* (poesia).

“...o mar do ilhéu do Esparteiro, que, sombrio e apertado dos rochedos, parece um tinteiro entornado ou uma alma penada que, não podendo mais, rebenta.”



produção e coordenação\_ Direcção Regional da Cultura dos Açores / Julho de 2011  
direcção científica e textos\_ Luiz Fagundes Duarte  
fotografia, concepção e impressão\_ Bizex Projectos  
isbn\_ 978-972-647-265-0 depósito legal\_ 329577/11  
retrato da capa\_ António Dacosta, 1966  
© Direcção Regional da Cultura dos Açores, todos os direitos reservados



Governo dos Açores

PRESIDÊNCIA DO GOVERNO  
Direcção Regional da Cultura

*Personalidades*

ROTEIROS CULTURAIS DOS  
AÇORES